

## Feminismo na Idade Média: conhecendo a cidade das damas

Christiane Soares Carneiro Neri<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo analisa a condição da mulher na Idade Média a partir da investigação da educação feminina nesse período histórico. Nesse contexto, destacaram-se as obras de Christine de Pizan, que foram escritas por uma mulher e para mulheres, trazendo uma narrativa do cotidiano feminino e, principalmente, um relato sobre a condição social da mulher construída pelos homens, caracterizada pela dominação e deturpação da realidade.

**Palavras-chave:** Idade Média. Educação feminina. Christine de Pizan

**Abstract:** This article examines the status of women in the Middle Age based on the investigation of female education in this historical period. In this context, the works of Christine de Pizan shone through, because it was written by a woman and for women, bringing a narrative of women's daily life and, especially, a report about their social condition, constructed by men and characterized by domination and misrepresentation of reality.

**Keywords:** Middle Age. Female education. Christine de Pizan.

### Introdução

Em meio ao ambiente misógino que marcava a Idade Média, uma voz feminina emergiu contundente, relatando o cotidiano das mulheres medievais e trazendo à baila, por meio da literatura característica da época, concepções incipientes que passaram a compor as lutas feministas no tempo presente, como, por exemplo, a autonomia feminina e a igual dignidade entre homens e mulheres.

Na época em que as mulheres eram apenas uma minoria silenciada e silenciosa, consideradas apenas como apêndice dos homens (pais, maridos, senhores), o simples fato de uma mulher ter acesso à educação, ser lida e reconhecida por homens e mulheres na Baixa Idade Média, constituiu feito notável e digno de admiração e reconhecimento, instigando o estudo, a pesquisa e o conseqüente resgate da condição feminina na historiografia tradicional.

Essa perspectiva remete à análise da educação no Medievo e do cotidiano das mulheres,

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Direito Público pela Universidade de Coimbra, Portugal. Mestra em Direitos Humanos pela Universidade Federal da Paraíba. Coordenadora do grupo de pesquisa Polys: sociedade, Estado e direitos humanos. Professora universitária.

enquanto grupo em situação de desvantagem, mas que, contrariando o conhecimento perfunctório, resistia à estruturação social de inspiração androcêntrica, que pregava a moralidade resignada das mulheres.

A voz a que se referencia pertence à italiana de nascimento e francesa de criação, Christine de Pizan (1364-1430), que legou obras que falam sobre as mulheres a partir do olhar feminino, apartando-se da literatura até então eminentemente masculina e que falava das mulheres sob a ótica dos homens dominadores, propiciando o estabelecimento e o cotejo entre duas versões sobre o mesmo fato: a originária (das mulheres) e a derivada (dos homens).

A leitura das principais obras de Christine de Pizan (*Cité des dames* e *Trois vertus*) conduz à reconstituição do universo feminino na época medieval a partir de sua autopercepção enquanto ser humano, da sua visão de mundo, dos seus desejos e da sua inconformidade com relação à desigualdade frente aos homens em todos os aspectos da vida.

Vale ressaltar que a construção dessas representações e impressões foram formuladas dentro de um contexto histórico delimitado e preciso e que guarda respeito às contingências históricas, espaciais, temporais, sociais, religiosas e políticas da época em questão.

O presente texto se debruça sobre a obra de Christine, *La cité des dames*, para, a partir dela, compreender a realidade vivida pelas mulheres no Medieval, seu cotidiano e suas inquietações. Adota-se como fio condutor a educação das mulheres, partindo da própria trajetória da autora como mulher de letras e de incontestável erudição, na época em que a educação era distante das mulheres.

A partir do século XII, os intelectuais e eruditos da época começaram a se preocupar com questões pertinentes à educação e aos hábitos sociais e relacionais de homens e mulheres, daí a grande produção oral (sermões) e escrita (textos) abordando essa temática. E sob o gênero de tratados de educação proliferaram textos no formato de *exemplum* e *speculum (miroir)*, originários desse período e que tinham como escopo último a regulação dos comportamentos.

As principais obras de Christine qualificam-se como tratados de educação e adotam as formas ora de *exemplum* ora de *speculum* ao tratar do cotidiano das mulheres medievais. A autora escreve principalmente para as mulheres, concebendo-as como possuidoras de conhecimento e intelecto, em resposta à produção literária de origem masculina, que trazia em seu cerne a concepção da mulher como devassa, perigosa e astuciosa, ou, em extremo oposto, como virginal, condescendente, submissa e desprovida de inteligência.

A vida e obra de Christine de Pizan configuram-se, inicialmente, como ponto de

resistência feminina dentro do período medieval e, ainda, como marco prenunciador da luta das mulheres por reconhecimento e gozo de direitos igualitários, notadamente na seara intelectual (educacional).

### **1. Quem foi Christine de Pizan**

Saber quem foi Christine de Pizan é o primeiro passo para se entender sua obra e adentrar no universo do feminino medieval, seara de difícil imersão ainda hoje.

Christine é uma personagem frequente nos seus próprios textos, onde faz alusão a suas experiências pessoais. Esse recurso tem sido visto como um reflexo da consciência de Christine de sua posição original como escritora e mulher.

Segundo Calado (2006), Christine nasceu em Veneza, em 1364, filha de Thomas de Pizan, catedrático da Universidade de Bolonha. Sobre sua mãe não há registro histórico relevante. Quando Christine tinha quatro anos de idade sua família se mudou para Paris em virtude do convite feito ao seu pai pelo Rei Carlos V para trabalhar em sua Corte como médico e astrólogo.

Em Paris, vivendo em meio a um ambiente culturalmente fértil e sob os cuidados e ensinamentos de seu pai, Christine desenvolveu o interesse pelo mundo das letras. Devido a seu natural amor e interesse pelo conhecimento e às atividades desenvolvidas pelo seu pai, Christine teve contato íntimo com a grandiosa biblioteca do Rei Carlos V – conhecido como o rei sábio, que teve o seu reinado marcado pela efervescente vida cultural – tida como uma das melhores e mais diversificadas da época. Ao atingir quinze anos de idade, assim como ocorria tradicionalmente nas demais famílias, seu pai providenciou um casamento para Christine e o escolhido foi Etiénne Castel, um jovem nobre que, em 1386, um ano após o casamento com Christine, assumiu a função de secretário da chancelaria do Rei Carlos V.

Com o falecimento do Rei, abateu-se sobre a família de Christine uma época de dificuldades. Em 1386 o pai de Christine morreu e alguns anos depois também faleceu o seu marido. Desse momento em diante a sua situação mudou drasticamente em vários aspectos, e Christine passou de filha protegida e esposa à função de provedora do sustento familiar.

A viuvez para a mulher no período medieval normalmente representava o fim da vida social, devendo ela, então, dedicar-se à vida religiosa e se enclausurar ou, se desejasse continuar ativa socialmente, deveria contrair novo matrimônio.

Bloch relata o pensamento da Igreja quanto à situação da mulher que se tornava viúva, mesmo que se referindo à mulher do campo, podemos adotar semelhante relato ao caso da mulher medieval em geral nas diversas fases.

À Igreja não agradavam muito as segundas ou terceiras núpcias, quando não lhes era declaradamente hostil. No entanto, do cimo ao fundo da escala social, o casar de novo tinha quase força de lei, sem dúvida por causa da preocupação de colocar a satisfação da carne sob o selo do sacramento. E ainda, quando era o homem a desaparecer primeiro, não só porque o isolamento parecia ser um grande perigo para a mulher, mas também, por outro lado, porque o senhor, em qualquer terra governada por mulher via uma ameaça à boa ordem das coisas. [...] Por vezes, a própria autoridade senhorial intervinha imperiosamente no sentido de serem «fornecidos maridos» às camponesas que uma inoportuna viuvez impedia de cultivarem correctamente os campos, ou de executarem as tarefas prescritas.” (Bloch: 169)

As opções tradicionais de vida após a viuvez não foram seguidas por Christine de Pizan, que restou por dedicar-se à sua vocação literária de viés nitidamente feminista e assumiu a responsabilidade pela manutenção e sustento de sua família.

Nesse período de desesperança, Christine buscou refúgio e consolo para seus temores na literatura, que se converteu no seu meio de sustento e também no de sua família “Ela seria a primeira mulher a exercer o ofício de escritora, como profissão e fonte de renda. E não só: a sua obra intitulada *La Cité des Dames*, escrita em 1405, permitiu distingui-la como precursora do feminismo moderno.” (Calado, 2006:15).

Segundo Calado (2006), o sentimento de luto e a opção de permanecer sozinha (sem contrair novo casamento) marcam a obra de Pizan, sem, contudo, deixá-la melancólica e triste.

Escritora de vasta produção, em pouco tempo Christine, detentora de erudição singular, produziu obras bastante diversificadas como poemas, tratados de educação, morais e políticos, entre outros, mas todos com destaque à temática frequente do universo feminino e à exposição pioneira da noção de que as diferenças entre homens e mulheres não se encontravam em questões biológicas, ínsitas à própria natureza dos gêneros, mas em construções de origem religiosa, cultural e social.

As suas obras normalmente traziam como tema central e recorrente a defesa das mulheres em uma época marcada pelas noções deturpadas do feminino, produzidas por autores homens que concebiam a mulher como ser inferior e indigno. E foi exatamente nesse âmbito que Christine penetrou e lançou um novo e audacioso olhar sobre a questão da mulher no Medievo.

“A luta contra a cultura misógina está presente desde *Epistre au Dieu d’amour*, ao seu último livro, *Le Ditié de Jeanne d’Arc*, escrito em 1429, um ano antes de sua morte. Obra louvável pela coragem em homenagear uma mulher, que venceu os limites da sua condição feminina, lutando contra as injustiças do seu tempo e que, por sua ousadia, foi acusada de bruxaria e jogada viva à fogueira, dois anos depois de receber a homenagem de Christine de Pizan. Sua obra foi a primeira e única feita a Jeanne d’Arc enquanto viva.” (Calado, 2006:34)

Christine estabeleceu-se como escritora de respeito e passou a viver de seu trabalho, alcançando sucesso entre o público leitor do final da Idade Média.

Escrevendo para mulheres e sobre mulheres, a escritora que nasceu a partir da morte do marido, lançou sobre a literatura medieval um toque de sensibilidade, coragem, emoção e feminismo. Christine de Pizan morreu em 1430, no convento de Possy, onde passou a viver em 1422.

## 2. Noções sobre a educação feminina

A ideia de pecado era uma constante na época que compreende o período medieval. Todos os assuntos pertinentes à vida social orbitavam ao redor da noção de pecado, foi assim quanto às relações sociais, educação, saúde, ciências, o desempenho de atividades laborais, enfim, todas as questões pertinentes ao universo do homem medieval, estabelecendo uma estreita ligação entre o homem e o divino.

A educação medieval tinha como elemento basilar e estruturante a noção de pecado e o medo da proliferação dos pensamentos e atos contrários à moral e às virtudes pregadas pela Igreja, o que fez com que a educação nessa época fosse fortemente voltada ao ensinamento dos ditames morais e religiosos com o objetivo de ensinar às pessoas como deveriam proceder para alcançar o Paraíso e não cederem aos desejos da carne, tidos como pecaminosos.

Vários autores se dedicaram a essa temática, falando dos pecados e das virtudes (estas últimas remédios para curar os males de homens e mulheres) através de obras sob a forma de *exemplum*.

Com o intuito de levar os textos educativos ao conhecimento das mulheres, de acordo com Leite (2008), Christine teria adaptado os textos produzidos por autores homens a uma linguagem mais consentânea à realidade feminina. Tal adaptação acabou por se fazer uma das marcas da autora. Esse modo de se comunicar com as mulheres deu visibilidade ao cotidiano feminino no final da Idade Média que, mesmo em curto período, foi mais receptivo e propício ao

reconhecimento do papel social da mulher.

Essa adaptação feita por Christine das obras de autores homens para uma linguagem mais feminina é facilmente percebida nas suas obras que se reportavam a todas as mulheres, independentemente de classe social, o que não ocorria em textos masculinos; referia-se às mulheres sem fazer qualquer discriminação quanto ao seu estado civil, reportava-se continuamente à necessidade da educação das mulheres, do direito ao acesso ao conhecimento, assim como ela o teve.

Para entender a condição da educação feminina na época em que Christine produziu seus textos é preciso ter uma visão histórica da educação a partir do período anterior à elaboração de suas obras (século XII), visto que as condições e arranjos sociais da época influenciaram diretamente seus escritos

A partir do século XII, os autores que se dedicaram a escrever sobre educação voltaram suas atenções para o comportamento social, especialmente das mulheres, surgindo vasta bibliografia sobre os modos e condutas sociais e sua regulação.

Segundo Manacorda (2000), a partir do Concílio de Latrão, 1179, ficou estabelecido que as igrejas deveriam criar escolas em seus domínios, as quais caberia o ensino tradicional – aritmética, geometria, gramática, teologia e música. Sob a mesma influência, mas de modo particular, alguns senhores feudais passaram a assumir tal incumbência, criando escolas em suas terras.

As crianças iniciavam a vida escolar em torno dos sete ou oito anos e seguiam os estudos até ingressarem na universidade. Diferentemente dos filhos dos camponeses, que não tinham acesso à escola, os filhos dos nobres, segundo Leite (2008:174),

[...] desde os 5 anos, começavam a praticar mais os jogos voltados para a formação do cavaleiro, ou a ter um aprendizado mais específico, numa escola ou mesmo com um preceptor, para a formação do futuro clero; eram essas as atividades destinadas aos nobres. O papel do preceptor era principalmente o de socializar o jovem nobre, ensiná-lo a falar corretamente, as boas maneiras, a receber bem os convidados e a conhecer livros com histórias edificantes.

Quanto à educação das meninas, grande parte dos autores que se dedicavam à formação das mulheres entendia que essa formação, deveria ter um viés eminentemente prático, ou seja, voltada às necessidades cotidianas das mulheres, respeitando sua condição social:

A camponesa deveria saber cuidar de sua casa; a burguesa e a nobre deveriam saber comandar seus empregados e possuir uma cultura um pouco mais aprimorada, ler e

escrever, de acordo com as suas responsabilidades sociais. Além disso, todas precisavam saber costurar, fiar, tecer e bordar, ou seja, todas deviam ter uma educação orientada pela perspectiva do casamento, de cuidar do marido, dos filhos e da casa. (Leite, 2008: 175)

De acordo com Leite (2008), sob outro ângulo, a educação das mulheres era eminentemente cultural e de ordem privada. Como elas não tinham livre acesso às escolas e posteriormente às universidades, o contato com obras literárias se dava também através de trovas, sermões e espetáculos populares.

Outro aspecto importante na educação das mulheres era o seu status civil, visto que a sua condição determinava o conteúdo a que teriam acesso, da mesma forma a sua posição dentro da família era importante no seu processo educacional, que seria diferenciado se ela estivesse na condição de mãe, esposa ou filha.

Com relação à educação das mulheres, Leite (2008:182) relaciona algumas constatações importantes:

- o forte sentimento de misoginia e o amor cortês, paradoxos instaurados principalmente pela literatura desde o final do século XIII.
- em 1322, a faculdade de medicina de Paris moveu um processo contra Jacqueline Félicie de Almaniac por exercer a profissão de médica sem ter o diploma. Nessa mesma época há registros semelhantes contra outras mulheres.
- em Paris, por volta de 1380, havia 22 professoras, número significativo se comparado com a quantidade de professores homens, 41.

Esses dados evidenciam o incremento da participação das mulheres na sociedade medieval, principalmente a partir do século XIV, mas não significa que a sociedade lhes conferia status igualitário no tocante à condição de gênero. Outro fator favorável à acessibilidade feminina ao conhecimento foi o movimento de laicização no âmbito educacional que se iniciou ainda no século XIV, desenvolvido pelas universidades e pela influência da filosofia judaica e árabe, que foi sendo introduzida no mundo ocidental ainda no século XII, e que teve como precursores: Al Farabi (c. 870 – 950), Averróis (1126 – 1198) e Moisés Ben Maimônides (1135 – 1204) e que resultou na tendência de se separar a educação científica da educação moral, renunciando o que ocorreria durante o Renascimento, ou seja, a ruptura entre religião e ciência.

### **3. A escrita de Christine: a construção da cidade das damas**

#### **3.1 A inspiração de Christine**



Na elaboração de seus textos, Christine utilizava os modelos de escrita mais comuns na época, principalmente nos tratados de educação, o *exemplum* e o *speculum (miroir)*.

[...] segundo especialistas contemporâneos que estudam a Idade Média, a palavra *miroir* era frequentemente empregada no título de obras de edificação teológica ou moral e que se integravam ao gênero didático. No século XIII, foi usada para designar manuais de educação moral, de ampla abrangência, que visavam uma formação geral. Tratava-se de ‘espelhos’ que tentavam oferecer ao leitor a imagem de seu próprio ideal. [...] O *exemplum* era tido como um curto relato que ajudava os padres, em seus sermões, a orientar o comportamento de seus ouvintes com exemplos dignos de imitação. Ou seja, era um discurso retórico que tinha por objetivo convencer e persuadir um conjunto de ouvintes. De uma ação passada, o orador infere uma lei geral ou um preceito moral suscetível de ser aplicado à questão por ele defendida. [...] Esses dois modelos visavam à educação por meio do comportamento, mas divergiam entre si. Poderíamos dizer que o espelho apresenta modelos de comportamento que devem ser refletidos e copiados, desde os atos mais simples do cotidiano até aqueles que estavam voltados a uma formação mais ampla e geral. Já o *exemplum* é uma série de histórias, geralmente curtas, que servem para induzir a pessoa que as escuta ou lê a seguir o modelo apresentado. (Leite, 2008:21-2)

O *exemplum* foi o modelo utilizado por Christine em *La cité des dames*. Através de exemplos edificantes Christine construiu sua cidade das damas, contando pequenas histórias de vida de mulheres reais e mitológicas.

Utilizando exemplos, Christine trouxe à lume a vida de mulheres que conseguiram, através de seus atributos morais, ocupar um lugar de destaque na sociedade, provando a seus leitores, e em especial a suas leitoras, que assim como os homens, as mulheres possuíam capacidade intelectual; e que essa capacidade era comum aos seres humanos, homens ou mulheres.

Segundo Leal (1999), Christine desejava que as mulheres se percebessem capazes e inteligentes e que não aceitassem as concepções negativas que os homens escreviam e disseminavam sobre elas.

De acordo com Calado (2006), *La cité des dames* e *Epistre au dieu d'Amour*, são os escritos de Christine de Pizan que trataram pioneiramente de questões feministas, com o objetivo de alcançar o público feminino.

A trajetória histórica das mulheres, principalmente das que povoaram a época medieval, é normalmente contada através de biografias de mulheres sempre desempenhando o papel de mães ou esposas de grandes homens da história e, raramente, por seus méritos próprios. É exatamente com esse sistema que Christine rompe ao construir uma cidade de senhoras, todas escolhidas para habitar tal cidade em razão de suas incontestáveis virtudes e feitos.



Através de seus *miroir e exempla*, Christine buscou restaurar a honra das mulheres, diante da angústia que lhe consumia devido à misoginia que se abatia sobre as mulheres e sobre o conceito negativo estabelecido pelos homens, que mantinham as mulheres afastadas de vários direitos, especialmente do direito à educação.

Em *La cité des dames*, Christine traz um rol de várias mulheres da antiguidade, reais e míticas, e também contemporâneas a ela, que colaboraram diretamente para a edificação da humanidade.

O modelo de muitos retratos femininos de sua Cidade das Damas tinha-o Christina encontrado em Bocácio, que, por sua vez, o tinha plagiado dos autores antigos e das lendas familiares de forma a erigir o corpus das suas Mulheres Ilustres, espelhos das virtudes desejáveis e dos excessos do caráter feminino (Duby, 1993:10)

*La cité des dames* compõem-se de três Livros: o Livro I, composto por quarenta e oito capítulos; Livro II, composto por sessenta e nove capítulos e o Livro III, composto por dezenove capítulos. Em cada um desses livros Christine trava diálogo com uma dama alegórica: Dama Razão, Dama Retidão e Dama Justiça, que a auxiliam na construção da cidade das senhoras.

Christine inicia seu livro expondo as razões que a levaram a escrever tal livro. De início a autora delimita sua temática principal: a revolta com o mau tratamento dispensado às mulheres e as concepções negativas que os homens construíram e consolidaram socialmente sobre as mulheres da época.

[...] procurando à minha volta algum livrete, caiu entre minhas mãos um certo opúsculo que não me pertencia, mas que alguém havia deixado ali, com outros volumes, por empréstimo. Abri-o, então, e observei no título que se tratava de *Mateolo*137. Pus-me, então, a rir, pois não o havia lido antes, mas sabia que, entre outros livros, esse tinha a reputação de falar bem das mulheres! Pensei, então, que para me divertir um pouco, poderia percorrê-lo. [...] Pus-me a lê-lo. Avancei um pouco a leitura. Mas, o assunto parecendo-me tão pouco agradável -, aliás, para qualquer um que não se deleita com calúnias -, e sem contribuir em nada à edificação moral nem à virtude, considerando ainda a desonestidade da linguagem e dos temas por ele tratados, folhee-i-o aqui, ali, li o final, e, em seguida, abandonei-o para voltar a outros estudos mais sérios e de maior utilidade. Porém, a leitura daquele livro, apesar de não ter nenhuma autoridade, suscitou em mim uma reflexão que me atordoou profundamente. Perguntava-me quais poderiam ser as causas e motivos que levavam tantos homens, clérigos e outros, a maldizerem as mulheres e a condenarem suas condutas em palavras, tratados e escritos. Isso não é questão de um ou dois homens, nem mesmo só deste *Mateolo*, a quem não situaria entre os sábios, pois seu livro não passa de gozação; pelo contrário, nenhum texto está totalmente isento disso. Filósofos, poetas e moralistas, e a lista poderia ser bem longa, todos parecem falar com a mesma voz para chegar à conclusão de que a mulher é profundamente má e inclinada ao vício. (Pizan:118-9)

Indignada com o conteúdo do livro *Mateolo*, Christine inicia uma reflexão sobre a sua própria essência e de outras tantas mulheres que conhecia e que não se enquadravam no

estereótipo feminino criado pelos homens e que despertava semelhante repulsa e ódio.

Ao pensar na origem desses sentimentos misóginos, a autora percebe o poder que as palavras tiveram na degradação das virtudes das mulheres e vai buscar em Deus a refutação dessas argumentações, ao entoar uma prece irresignada:

“Ah! Deus, como isso é possível? Como acreditar, sem cair no erro, que tua infinita sabedoria e perfeita bondade tinham podido criar alguma coisa que não fosse completamente boa? Não é verdade que criaste a mulher com um deliberado propósito? E desde então, não lhe deste todas as inclinações que gostarias que ela tivesse? Pois, como seria possível teres te enganado? E, no entanto, eis tantas acusações graves, tantos decretos, julgamentos e condenações contra ela! Eu não consigo entender essa aversão. E, se é verdade, meu Deus, que tantas abominações abundam entre as mulheres, como muitos o afirmam – e, como tu mesmo dizes que o testemunho de vários garante a credibilidade, por que não deveria pensar que tudo isso seja verdade? Que pena! Meu Deus! Por que não me fizeste nascer homem para que minhas inclinações estivessem a teu serviço, para que em nada me enganasse, para que eu tivesse esta grande perfeição que os homens dizem ter? Mas, como tu não quiseste, como não estendeste tua bondade até mim, perdoe minha negligência ao te servir, Senhor Deus, e não te descontente, pois o servidor que menos recebe de seu senhor, menos é obrigado a servi-lo”. (Pizan:120-1)

Christine rejeita a ideia de que as mulheres são seres frágeis, que são conduzidas e dominadas por vícios e tenta rechaçar essa concepção deturpada dos homens utilizando os mesmos recursos que eles: as palavras. A literatura era um campo eminentemente masculino e fechado às mulheres, com raras exceções.

As questões que Christine levanta em sua obra são bastante relevantes por terem incitado a reflexão e, em via de consequência, possibilitado uma nova visão acerca das mulheres: o seu reconhecimento como indivíduo – ser humano – igual ao homem.

Enquanto observadora e estudiosa do seu tempo e espaço, Christine relatou vários problemas das mulheres, explicitando seu cotidiano árduo sob uma estrutura social, política e econômica desfavoráveis. A autora conseguiu trazer para o âmbito literário informações novas e, o mais importante, produzidas sob o ponto de vista de uma mulher com uma trajetória pessoal difícil, marcada pela viuvez precoce e a necessidade de prover o sustento familiar.

Pode-se perceber que Christine muitas vezes é autora e protagonista de suas obras. Partindo de uma perspectiva particular ela reproduziu histórias sobre as mulheres em geral, que viviam à margem da sociedade medieval.

Christine passou a exercer papel de destaque em sua época por seu pioneirismo ao reivindicar e defender a igualdade entre os sexos, principalmente no que tangia ao acesso à educação, partindo da ideia de que as diferenças entre homens e mulheres não eram congênicas,

mas uma construção social sedimentada pelos homens.

A luta em defesa das mulheres passou a ser o ponto fulcral da obra de Christine, que percebeu o modo errôneo como os textos escritos por autores do sexo masculino reproduziam a natureza das mulheres. Com raríssimas exceções, esses textos potencializavam o sentimento misógino. Nessa linha, a autora cita alguns textos, como *Lamentations de Matheolus* e parte do *Roman de la Rose* de Jean de Meung, que retratam as mulheres como uma tentação para os homens e seres ardilosos no campo amoroso.

Calado (2006) relata que os esforços de Christine no sentido de mudar essa concepção negativa dos homens sobre as mulheres acabou por promover uma famosa e longa querela literária (*Querelle des Femmes*) entre a autora e alguns autores do sexo masculino, e que se estendeu, depois da morte de Christine, por cerca de quatrocentos anos (início do século XV até o início do século XVIII), quando a autora teceu severas críticas ao opúsculo *Roman de la Rose* que, em sua segunda parte, escrita por Jean de Meung, põe a mulher numa situação de inferioridade, especialmente no que toca ao campo dos estudos e do conhecimento, fortalecendo, assim, o sentimento de misoginia e a interdição de acesso das mulheres ao conhecimento.

Segundo Leal (1999), a *Querelle des femmes* teve papel crucial na vida literária de Christine, postando-a como escritora respeitada, ampliando, assim, o seu público leitor, o que acabou por amplificar a sua discussão acerca da participação das mulheres na sociedade e proporcionando a revisão da concepção equivocada da natureza feminina.

Esse novo olhar que se lançou sobre as mulheres, mesmo que partindo de uma mulher, iniciou um curso transformador na situação da mulher na sociedade, que não mais parou, só progrediu, com muita luta, frise-se, abrindo espaço para o surgimento de médicas, poetisas, administradoras, rainhas e camponesas. O grande objetivo da autora era dar voz às mulheres, restaurando a confiança e a credibilidade no sexo feminino e, conseqüentemente, restabelecendo sua autoestima, rompendo com a visão machista de inspiração aristotélica.

### 3.2 As Damas

A partir do segundo capítulo do Livro I, a autora passa a descrever a visão que teve de três Damas (*Raison, Droiture e Justice*) e a forma como elas a auxiliariam na construção de uma cidade de mulheres. “Erguendo a cabeça para olhar de onde vinha aquele clarão, vi elevarem-se diante de mim três damas coroadas, de quão alta distinção.” (Pizan:124)

A primeira dama que se dirige à Christine é a Razão, que lhe diz os motivos que levaram à chegada das três damas, qual a tarefa que executarão – a edificação de uma cidade – e o motivo da escolha de Christine para ajudar a executar tal tarefa. Juntamente com Christine, a dama Razão é encarregada de levantar as paredes da cidade e os muros altos.

Há uma razão ainda mais particular e mais importante para nossa vinda, que saberás através do nosso diálogo: deves saber que foi para afugentar do mundo este erro no qual caíste, para que as damas e outras mulheres merecedoras possam a partir de agora ter uma fortaleza aonde se retirem e se defendam contra tão numerosos agressores. As mulheres foram por tanto tempo abandonadas sem defesa, como um campo sem cercado, sem que nenhum herói viesse socorrê-las; e, no entanto, segundo a justiça, os homens nobres deveriam tomar a defesa delas. [...] Mas, é chegada a hora de retirar essa causa justa das mãos dos Faraós, e é por isso que nos vês aqui, nós as três damas, que, movidas pela piedade, viemos anunciar-te a construção de um edifício, construído como uma cidade fortificada, com excelentes fundamentos. Foste tu a escolhida para realizar, com nossa ajuda e conselhos, tal construção, onde habitarão todas as damas de renome, e mulheres louváveis. (Pizan:125-6)

A segunda dama a se apresentar à Christine foi a dama Retidão que, portando uma régua em suas mãos tinha o poder de separar o bem do mal, o justo do injusto, e diz a Christine que sua tarefa é construir as edificações da cidade das damas.

Seguro na minha mão direita essa espécie de bastão resplandecente que é a régua que separa o bem do mal e o justo do injusto [...] Traçam-se os limites de todas as coisas com esta régua, pois suas virtudes são abundantes. Saiba que ela te será útil para medir as construções da Cidade que deves levantar: terás muita necessidade dela nos prédios, para erguer os grandes templos; construir e desenhar os palácios, as casas e todos os empórios, as ruas e as praças, e para te ajudar em tudo que for necessário para o povoamento de uma cidade. Vim para ajudar-te, e tal será meu papel. (Pizan:128)

A terceira dama a se apresentar à Christine foi à dama Justiça, que carregava consigo uma taça de ouro que tinha a marca da Trindade, a flor de lis. Dama Justiça é encarregada da distribuição do bem e do mal que a cada um competia. Também era sua incumbência a construção das torres mais altas e das fortificações e, por fim, os acabamentos da cidade.

Meu único dever é julgar, distribuir e dar a cada um o que ele merece. Eu defendo a ordem de cada Estado, e nada dura sem mim. [...] Vês em minha mão direita uma taça de outro fino que parece uma medida de bom tamanho. Deus, meu pai, deu m'a. Ela serve para que eu dê a cada um o que ele merece. Ela é gravada com a flor-de-lis da Trindade e ajusta-se a qualquer porção, e ninguém poderá reclamar daquilo que é acordado por mim. [...] Ficaré sob minha responsabilidade fazer o teto e os telhados das torres, as residências suntuosas e as mansões, que serão todos de ouro fino e brilhante. Enfim, eu a povoarei de mulheres ilustres para ti e trarei-te uma altiva rainha; a quem as outras damas, mesmo as mais nobres, render-lhe-ão homenagem e obediência. Assim, com tua ajuda, tua cidade será concluída, fortificada e fechada com portas pesadas, que irei buscar no céu para ti, antes de colocar a chave nas tuas mãos. (Pizan:129-130)

Christine, em meio a seu atordoamento devido à inesperada aparição das damas, trava diálogo com a dama Razão, personagem que se reporta filosoficamente às virtudes femininas e aos argumentos levianos e desarrazoados de seus denegridores, exortando Christine a não se abater diante das calúnias e seguir trilhando o caminho do conhecimento para se munir do saber e lutar contra as ideias contrárias às mulheres com palavras e argumentos. Para a dama Razão, a existência do simples dissenso entre o que se fala – pensa – acerca das mulheres e o que é escrito sobre elas, indica um avanço e assinala a existência da dúvida, a existência de duas versões para a mesma história, que só possui uma verdade.

Na seara filosófica, o debate é enriquecido com a diversidade de concepções e pela dialética constante. A dama Razão incita Christine a argumentar e utilizar sua habilidade com as palavras para refutar os textos misóginos, enfraquecendo até as posições dos grandes filósofos. No texto, dama Razão menciona o caso de Platão e Aristóteles que, mesmo tendo uma relação de mestre e discípulo, faziam juízos diversos sobre as mulheres e sobre tal assunto travaram discussões:

Não sabes que são as melhores coisas que são discutidas e debatidas? Se considerares a questão suprema, que são as idéias, quer dizer, as coisas celestiais, percebes que mesmo os maiores filósofos, aqueles que tu invocas contra teu próprio sexo, não conseguiram distinguir o certo do errado, e se contradizem e se criticam uns aos outros sem cessar, como tu mesma viste em *Metafísica* de Aristóteles, no qual ele critica e refuta igualmente as opiniões de Platão e de outros filósofos citando-os. (Pizan:122)

A partir daí, a dama Razão diz a Christine qual será a tarefa dela e das demais mulheres, ou seja, edificar uma cidade que será o refúgio de todas as mulheres que passaram por tantas injustiças até então, sob o jugo dos homens que as difamavam e lançavam contra elas toda sorte de ofensas. Deus havia escutado o clamor dessas mulheres e as conduziria à cidade das damas, uma cidade fortificada e construída para ser a cidade eterna das mulheres.

Depois de fazer o agradecimento pela aparição das damas e a sua escolha para concretizar tal tarefa, a autora inicia seu trabalho comandada pela dama Razão, demarcando o espaço para a construção das primeiras fundações da cidade das damas.

Ao final do Livro II de *La cité des dames*, Christine acolhe em sua cidade várias mulheres, iniciando pelas damas provenientes da família real francesa. Dama Retidão, ao lado de senhoras de todas as classes sociais, faz a entrega da cidade e declara seu povoamento. Nesse

momento, a autora se volta a todas as mulheres, indistintamente, e as conclama a se alegrarem, pois a cidade das damas estava acabada e agora elas teriam o seu refúgio eterno:

Excelentes, honoráveis e reverendíssimas princesas da França e de todos os países e de todas as damas, senhoritas, e mulheres de todas as condições, vós que amastes, que amais e que amareis a virtude e os bons costumes, vós do passado, do presente e que vireis, alegrai-vos todas e senti satisfação com nossa nova Cidade, que, graças a Deus, já se encontra totalmente – ou na maior parte – construída e com suas casas quase povoadas. (Pizan:316-7)

Nesse trecho de finalização do Livro II percebe-se que a autora se reporta a todas as mulheres, nobres, camponesas, casadas, solteiras, nacionais e estrangeiras, demonstrando a abrangência de sua luta.

Após a construção da cidade, a autora passa a narrar a sua fortificação, que se dá com o auxílio da dama Justiça e que transcorre no terceiro e último livro de *La Cité des dames*.

Para ser a rainha da cidade das damas é escolhida nossa Senhora, por ter sido a primeira mulher reconhecida por suas obras e virtuosidade, e os demais postos também foram todos ocupados por mulheres de reputação elevada, como as irmãs de nossa Senhora, Maria Madalena, Santa Catarina, Santa Margarida e Santa Lúcia, blindando a cidade das damas das investidas contra a virtuosidade da cidade e das mulheres que ali habitavam.

No final do Livro III, a própria Christine faz uso da palavra e se reporta às mulheres para falar de sua cidade como o abrigo das mulheres humilhadas em que prevalece a virtuosidade e a modéstia e faz referência direta às mulheres, de acordo com seu estado civil, aconselhando-as como bem viver de acordo com sua condição. E com uma prece termina seu livro:

Assim, minhas Damas, sejais humildes e pacientes, e a graça de Deus crescerá em vós, e sereis louvadas nos reinos dos céus, pois como disse Santo Gregório, a paciência é a porta de entrada do Paraíso e o caminho que leva a Jesus Cristo. Que nenhuma de vós, deixai-vos impressionar com opiniões frívolas e sem fundamento – na inveja, na teimosia, em uma linguagem soberba ou em atos ultrajantes – Pois, são coisas que perturbam os espíritos e fazem perder a razão, e maneiras particularmente inconvenientes e inadequadas em uma senhora. [...] Enfim, todas vós, senhora, damas de grande, média e humilde condição, antes de qualquer coisa, tende cuidado e sede vigilantes para vos defender contra os inimigos de vossa honra e de vossa virtude. Vede, minhas damas, como de toda parte esses homens vos acusam dos piores defeitos! Desmascarai suas imposturas pelo brilho de vossa virtude; fazendo o bem, convencei que todas as calúnias são mentiras. Assim, poderei dizer com o Psalmista: A culpa dos maus cairá sobre suas cabeças! Tende repulsa aos hipócritas bajuladores que procuram tomar-vos com seus discursos envolventes e por todas as armadilhas inimagináveis vosso bem mais precioso, quer dizer vossa honra e a excelência de vossa reputação! Oh! Fugi, senhoras, fugi da louca paixão que eles exaltam a vosso lado! Fugi dela! Pelo amor de Deus, fugi! Nada de bom pode acontecer; pelo contrário, tende certeza de que



mesmo se a brincadeira parece divertida, sempre se voltará a vosso prejuízo. Não vos deixei persuadir-vos do contrário, pois é mera verdade. Lembrai-vos, caras amigas, como esses homens acusam-vos de fragilidade, de leviandade e de inconstância, o que não os impede de utilizar as armadilhas mais sofisticadas e se esforçarem, com mil maneiras para seduzir-vos, a pegar-vos como fazem com tantos bichos em suas redes! Fugi, senhoras, fugi! Evitai essas amizades, pois sob o riso pode se esconder o veneno mais amargo, e que levam a morte. Dignai-vos, minhas venerabilíssimas damas, de procurar a virtude e fugir dos vícios, para que cresçam e multipliquem-se as habitantes de nossa Cidade. Quanto a mim, vossa serva, não me esquecei em vossas preces, a fim de que Deus conceda-me a graça de viver e de perseverar aqui na terra em seu santo serviço, e que na minha morte ele perdoe meus grandes pecados e me conceda a glória eterna. Que a sua graça esteja convosco. Amém. (Pizan:357-8)

*La cité des dames* reflete a natureza e a erudição elevada de sua autora e se constitui como manifesto em prol da causa feminina e documento histórico de incomensurável importância. Depois da leitura de sua principal obra, fica a questão: é possível considerar Christine de Pizan uma mulher dedicada ao humanismo e precursora do feminismo? Em algum sentido é possível, principalmente pelo seu amor à ciência, ao conhecimento e à razão, mas também pela sua defesa eloquente das mulheres através da exaltação das virtudes femininas mesmo em um ambiente totalmente desfavorável a tal posicionamento.

É patente da leitura de sua obra que Christine tinha dois objetivos imediatos: (re) construir a autoestima feminina pelo autoreconhecimento como seres humanos dignos e intelectualmente capazes, e a reversão do conceito deturpado e preconceituoso que os homens faziam das mulheres, inclusive das suas próprias mulheres, mães, esposas e filhas, alijando-as da vida livre.

Como defensora e entusiasta da educação, Christine nutria um desejo audacioso, a extensão às mulheres de uma educação igual a dos homens. A autora defendia o ofertamento de uma formação intelectual de qualidade às mulheres, que ela restou por comprovar ser possível e útil com o seu próprio exemplo, o que se evidenciou na *Querelle des femmes* que iniciou. Esse ideal é revigorado no Renascimento, especialmente no século XVI, com a instalação de nova querela literária (*Querelle des amyes*) tendo como razão, mais uma vez, a condição feminina.

## Conclusão

Do percurso até aqui trilhado pela obra *La cité des dames* e pelo conhecimento da vida de sua autora, pode-se afirmar a existência e consistência de um discurso feminista no final da Idade Média e de um ponto de resistência à dominação masculina. Christine se insurge, levada



pela indignação com a condição de vida das mulheres nessa época, e parte para o enfrentamento, utilizando-se de sua arte, a literatura, para, inicialmente, questionar e debater sobre a condição feminina e as construções misóginas estabelecidas e disseminadas por honoráveis clérigos, filósofos, e poetas.

O trabalho de Christine é, primeiramente, o de desconstrução dos arquétipos preconceituosos e, depois, de reconstrução da imagem feminina perante homens e mulheres.

Em *La cité des dames*, Christine constroi e povoa sua cidade com mulheres exemplares que contribuíram para a vida prática (nossa Senhora, Carmente, Ceres, Minerva etc), que gozaram de poder político (Rainha Fredegunda, Rainha Jeane, Duquesa d'Anjou, entre outras), que possuíam conhecimento científico (Probe, Medéia, Hortêncina, etc) e que eram virtuosas, fiéis e possuidoras de sentimentos constantes (Júlia, Paulina, Xantipa e outras) com o intuito de demonstrar aos homens e às mulheres a inegável igualdade entre os sexos, principalmente no tocante à capacidade de aprendizagem.

Através desses exemplos, percebe-se o valor que Christine atribuía às mulheres, sendo elas a base e a fortificação da sua cidade. Esse artifício é o ápice de suas ideias, ou seja, a participação de mulheres fortes e sábias, educadas para desempenhar suas atribuições na sociedade em pé de igualdade com os homens.

O questionamento que inspirou *La cité des dames* resiste até o final: Qual a razão para o julgamento depreciativo dos homens em relação às mulheres? Christine tenta convencer a si mesma e aos demais da irrazoabilidade de tal julgamento por meio de exemplos de mulheres de caráter edificante e utilizando uma linguagem didática, objetivando acabar com a ignorância dos homens quanto à natureza da mulher.

É necessário ressaltar que, a existência e o alcance das obras de Christine de Pizan só foram possíveis porque a sociedade da Idade Média convivia com a presença feminina em sua estrutura, havendo uma abertura e aceitação, mesmo que tímida, à atuação da mulher.

Como, em virtude das Cruzadas os homens se ausentavam por longos períodos de suas terras, e às vezes não voltavam, as mulheres eram obrigadas a assumir papéis que eram dos seus pais e maridos. A sociedade passou a necessitar de uma participação mais ativa das mulheres, emergindo, assim, a exigência de uma preparação para que elas pudessem exercer tais atividades.

Christine não mais vivia em uma sociedade composta por um clero, nobreza e servos como estamentos estanques e bem delimitados. A sociedade estava se transformando. Uma nova classe social se formava, a burguesia. Esse ambiente de transformação social também propiciou

essa abertura para as mulheres, a despeito das leis ainda muito rígidas e preconceituosas.

Atenta às transformações sociais que ocorriam ao seu redor e em seu mundo, Christine direcionava suas obras aos anseios do seu público, às mulheres, que estavam iniciando um processo de valorização enquanto seres humanos e partindo para uma atuação mais direta na vida pública. Os textos de Christine surgiram como resultado desse desejo social. Percebendo esse espaço e esse desejo, Christine escreveu sobre misoginia e em prol da igualdade entre os sexos, defendendo que as diferenças identificáveis eram construções sociais e não caracteres inatos.

As questões tratadas por Christine em sua obra são ainda hoje estudadas e debatidas. Seu trabalho foi de importância impar sob vários aspectos, mas, principalmente, por ter sido a primeira voz feminina a questionar a situação da mulher e a se levantar em sua defesa, utilizando o direito à educação como bandeira.

## Referências

- Bloch, Marc. “*A sociedade feudal*”. Tradução: Emanuel Lourenço Godinho. Edições 70, Lisboa.
- Calado, Luciana Eleonora de Freitas.(2006). “*A cidade das damas: a construção da memória feminina no imaginário utópico de Christine de Pizan.*” 2006, 368p. Tese. (doutorado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- Duby, Georges; Zuber, Christiane Klapisch. (1993). “*História das mulheres no ocidente*”, v. 2. Editora afrontamento, Lisboa.
- Le Goff, Jacques.(2005). “*A civilização do ocidente medieval.*” 1ª edição, Edusc.
- Leal, Ivone. (1999). “*Cristina de Pisano e todo o universo de mulheres.*” Cadernos condição feminina. Lisboa.
- Leite, Lucimara. (2008). “*Christine de Pizan: uma resistência na aprendizagem da moral de resignação.*” 2008, 223p. Tese. (doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Manacorda, Mario Alighiero. (2000). “*História da educação: da antiguidade aos nossos dias*”. Editora Cortez, São Paulo.
- Mccormick, Betsy. “*Building the ideal city: female memorial praxis in Christine de Pizan’s cité des dames*”. Página consultada em 10.08.2013, em [http://findarticles.com/p/articles/mi\\_qa3822/is\\_200304/ai\\_n9169353/](http://findarticles.com/p/articles/mi_qa3822/is_200304/ai_n9169353/).
- Pizan, Christine. “*O livro da cidade das damas.*” Tradução: Luciana Eleonora de Freitas Calado. Página consultada em 10.08.2013, em [www.dominiopublico.com.br](http://www.dominiopublico.com.br).

\_\_\_\_\_. (1987) “*O espelho de Cristina.*” Biblioteca nacional, Lisboa.

Whaley, Leigh Ann. “*Women’s history as scientists: a guide to the debates*”. Página consultada em 10.08.2013, em [www.abc-clio.com](http://www.abc-clio.com).

G&D

Revista Gênero & Direito